

Pais e filhos : companheiros de viagem¹

Janete Rosane Luiz Dócolas²

Existem algumas coisas que marcam a época em que vivemos. Uma época em que o avanço tecnológico provocou mudanças em praticamente todas as áreas da vida humana.

A velocidade, associada a virtualidade e a pressa, assim como a valorização da imagem são algumas dessas coisas e a interferência que provocam em nossas vidas é fantástica.

Os benefícios de tais avanços são incontestáveis e quanto mais pudermos coloca-los ao nosso dispor , a serviço de nosso bem estar , tanto melhor.

Mas não podemos esquecer que somos humanos , dotados de necessidades e desejos que para serem satisfeitos, precisam da presença de outros humanos. Por mais que possamos nos comunicar de diferentes formas e mesmo à distância, não podemos prescindir da comunicação cara-a-cara com os outros.

A relação pais e filhos é uma dessas situações em que necessitamos exercitar uma comunicação mais direta. Especialmente nessa relação precisamos nos valer de nós mesmos, aproveitando essa que é uma oportunidade tão especial para experimentar a criação e recriação da vida. Nossa fragilidade e desamparo ao nascer, nos impõe , desde o princípio, a relação com os outros. Sozinhos, não temos condições de satisfazer nossas necessidades e morreríamos se

¹ Trabalho apresentado na SIG – Núcleo de Estudos Sigmund Freud, em atividade promovida pela clínica psicanalítica, em 24 de junho de 2006. Uma vez que a atividade é aberta à comunidade, o texto apresenta-se em linguagem bem coloquial.

² Psicóloga, Psicanalista. Diretora Científica da SIG – Núcleo de Estudos Sigmund Freud

não fossemos cuidados e atendidos. Essa condição de filho, bem atendido ou não, todo ser humano conhece.

Mas como embarcamos nessa viagem?

Movidos por seus desejos, entre eles o de “driblar” a finitude, são os pais que, literalmente, chamam os filhos à vida, convocando-os para essa viagem na esperança de que assim possam ir mais longe. A vida que segue através dos filhos e dos filhos de seus filhos.

Como a bagagem que traz consigo, ao nascer, muito embora seja fantástica e valiosa, é bastante rudimentar, o filho experimenta, no início da vida, uma total dependência de seus pais.

Essas figuras poderosas, que cuidam, protegem, transmitem afetos, valores, ensinamentos e provocam sensações de prazer serão admirados e amados por isso. Os filhos vão desejar tê-los para si, e mediante a impossibilidade de satisfazer tal desejo, vão querer ser como eles, para um dia ter o que eles têm.

Os pais, no entanto, também proíbem coisas, criticam, fazem cobranças e provocam frustrações e, em muitos momentos serão odiados por isso.

Se conseguem ser pais suficientemente bons propiciam ao filho, as condições para que ele se constitua como sujeito psíquico, com capacidade de amar a si mesmo e ao outro, com uma subjetividade e uma autonomia que lhe possibilite, um dia cuidar da própria vida

Essas são marcas especiais dessa relação. Marcas que ultrapassam os limites do biológico e que tem a ver com o exercício de uma função. Uma função que implica responsabilidade, amor, limites.

Até “virar gente grande” e poder ele próprio constituir sua família, o filho percorrerá uma trajetória marcada por várias fases e a família, tenha ela a configuração que tiver - e nós sabemos que a família tem passado por profundas modificações em sua configuração nos últimos tempos - oferecerá o cenário para o desenrolar dessa história .

Os pais - ou seus substitutos, são personagens centrais nessa trama e, pelo lugar que ocupam, tornam-se os primeiros amores dos filhos. São heróis a serem imitados e com quem serão travadas algumas batalhas importantes.

Ocorre que algumas vivências são necessariamente experimentadas na relação familiar, especialmente na relação pais e filhos e, dão origem a conflitos que fazem parte do desenvolvimento humano. Um exemplo disso é o complexo de Édipo, fenômeno central na estruturação da personalidade e que envolve a tríade pai, mãe e filho , colocando em jogo a diferença sexual e de gerações. Desdobramentos dessa experiência tumultuarão a vida de pais e filhos quando esses chegarem à adolescência.

Mas mesmo que existam experiências pelas quais todos passam enquanto escrevem sua história como filhos que crescem e se desenvolvem - alguns pontos que são obrigatoriamente visitados na viagem que fazem em companhia dos pais- essas experiências - essas visitas - serão vividas de forma única ,singular por cada um. (el camião se hace al andar)

Cada um terá suas próprias reações aquilo que lhe acontece e isso ocorre dessa maneira desde as primeiras experiências de vida.

Dotados de inconsciente e, conseqüentemente de desejos que são desconhecidos de si mesmos , os pais ao

relacionarem-se com os filhos, comunicam muito mais do que pensam que comunicam. Não há na comunicação, somente um conteúdo informativo, lógico, manifesto. Há também um conteúdo latente, afetivo e que tem a ver com o inconsciente.

Assim, o que chega no filho, a partir da relação com os pais, chega como enigma a ser decifrado e aí, entra em jogo a sua percepção, a maneira como ele recebe aquilo que está acontecendo a ele e o que vai fazer com isso.

Os pais se perguntam sobre porque dois filhos da mesma mãe e do mesmo pai, criados com os mesmos valores, as mesmas normas, etc... são tão diferentes. Porque um reage de uma maneira a determinada situação e o outro tem uma reação completamente diversa. Claro que aqui entram em jogo outras variáveis, como por exemplo, o fato de que os pais não são os mesmos para os diferentes filhos que tem – mesmo que biologicamente o sejam. Isso porque eles mesmos vivem momentos distintos quando tem um ou outro filho e também porque reagem de maneira diferente ao que recebem de um ou outro.

O que me interessa assinalar é que a relação entre pais e filhos é marcada por algumas coisas que são próprias dessa relação e que esses companheiros de viagem precisam viver, “tem que encarar” : a total dependência dos filhos num momento inicial, o desejo de amor incondicional, as semelhanças , as diferenças, a rivalidade, os afetos contraditórios, a separação. A familiaridade e a estranheza. As expectativas e as frustrações. Predomínio de exigências e sentimentos diferentes nas diferentes fases “da viagem”.

Esse relacionamento também passou por modificações ao longo do tempo – por exemplo: a consideração pela infância é um advento da modernidade . Antes disso, as crianças não tinham voz. Não tinham voz porque não tinham sexualidade. Não eram desejantes. A ordem era que fossem apenas

obedientes. Bastava um olhar para que soubessem o que era ou não permitido. O discurso era de respeito. O sentimento, de medo.

Tem um poema do Quintana que expressa muito bem essa mudança. Diz ele:

Quando eu era pequeno
Não podia falar à mesa
Só os adultos falavam
Agora que sou velho
Só as crianças falam

Ocorre que muitos "filhos da repressão", ao terem seus próprios filhos, buscaram ser melhores do que seus pais e quiseram ter um relacionamento onde prevalecesse a liberdade. Os filhos ganharam voz e os pais não raras vezes se atrapalharam no sentido de manter a autoridade. Autoridade que lhes cabe e que é tão necessária para que os filhos sintam-se seguros e amados e que tenham as referências de que necessitam para construir sua identidade.

Por mais amorosa que seja uma relação entre pais e filhos, principalmente quando os filhos são crianças e adolescentes, não é uma relação de amigos como outra qualquer. Isso não quer dizer que os pais não possam ser amigos dos filhos, afinal é fundamental que os filhos saibam que podem contar com os pais quando precisam. Mas, como já dissemos, essa é uma relação especial e nela existem lugares diferentes para um e outro. Lugares que também modificam-se à medida que os filhos atingem a maturidade.

Também é importante considerarmos que existem questões que nos inquietam em qualquer época e que perpassam a relação pais e filhos, como enigmas que pedem solução. As questões se repetem mas as soluções para os conflitos que elas provocam precisam ser criadas a cada vez. Assim

acontece com a diferença sexual , a origem dos bebês, o amor, a morte.

Os pais de hoje não falam mais que a cegonha traz os bebês, mas continuam se deparando com a pergunta sobre como eles surgem. As crianças continuam intrigadas com a diferença entre os sexos. Outro dia uma menina de 2 anos e meio, depois de se deparar com o pai saindo do banho, disse baixinho para a mãe: mãe tu não fica triste mas o pai tem rabo.

Por mais que as crianças estejam cada vez mais precoces no manejo dos recursos tecnológicos - as vezes parece até que já estão vindo com chip - é preciso escuta-las nas suas curiosidades e nas suas teorias.

É preciso se deparar com os sentimentos que elas provocam cada vez que aparecem com uma novidade. E elas aparecem sempre com muitas novidades. Enfim, é preciso abrir espaço para que o filho vá construindo o seu Eu.

E quando já tiver crescido o suficiente para experimentar-se andando sozinho , arriscando-se e reafirmando por si algumas escolhas ou fazendo outras, então os pais precisarão suportar esse afastamento, permanecendo eles próprios no seu lugar de pais, ou seja, oferecendo amor e limites. É preciso continuar sendo referência de valores .

O filho, à medida que cresce, precisa deixar a condição de "sua majestade o bebê " . Tem que amadurecer para poder dar conta daquilo que lhe acontece e do desconhecido que está por vir.

As ansiedades vividas nessa fase são muitas e os sentimentos contraditórios, principalmente em relação aos pais, provocam inseguranças e temores. Esse não é um momento fácil e exige

muito dos pais. Eles também podem ficar inseguros e temerosos.

Os filhos, ao testarem seus próprios limites, colocam em cheque a autoridade e o lugar dos pais, mas precisam deles. Precisam de pais diferentes dos pais da infância, pois agora já não são totalmente indefesos e dependentes.

Se tudo corre bem, os pais conseguem abrir mão daquele lugar de “super heróis” que ocuparam na vida dos filhos quando eles eram pequenos e permitem-lhes experimentar o distanciamento de que necessitam. Distanciamento, não abandono.

Ao conquistarem sua identidade e tornarem-se “gente grande”, os filhos se reaproximam dos pais, e vivem com eles as alegrias e os sofrimentos que são próprias de todas as relações amorosas. Com a ressalva de que os pais vão sempre achar que os filhos são crianças e os filhos vão sempre querer colo quando estiverem chateados ou inseguros. E com uma porção de outras ressalvas e considerações que deixaremos para o debate.

E para finalizar....³

³ música : loadeando, de Marcelo D2

Algumas idéias soltas mas importantes:

Muitas vezes enrolados no seu próprio narcisismo e ocupados em ficarem eles próprios jovens para sempre, os pais tem dificuldades nesse momento da relação.

“É no brincar e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação” nos diz Winnicott)

Segundo Freud e como nós mesmos constatamos cotidianamente, a relação com os outros é uma das mais importantes fontes de felicidade e de sofrimento. Imaginem , então, a relação com as pessoas mais importantes.O desejo de conquistar e manter o amor dos pais e o medo

de perde-los ou ao seu amor, perpassa essa relação que é, na verdade, a primeira relação de amor de uma pessoa.

Se as coisas acontecerem de uma forma suficientemente boa, na relação pais e filhos está aberto o caminho para a auto-confiança, o amor a si mesmo e ao outro. Claro que existirão outros modelos de identificação e outras relações importantes na vida de um sujeito, mas a base de sua organização psíquica, de sua subjetividade e conseqüentemente de sua forma de relacionar-se com o mundo, está na relação com os pais.

Pais suficientemente bons

Não basta o vínculo biológico ou a designação "pais e filhos". Como qualquer outra relação humana, também esta deverá ser construída.

Freud diz que é preciso admitir que não existe desde o início, no indivíduo, uma unidade comparável ao ego. O ego deve sofrer um desenvolvimento. Mas as pulsões auto-eróticas estão desde o início e uma nova ação psíquica deve vir acrescentar-se ao auto-erotismo para dar forma ao narcisismo. O nascimento do narcisismo é correlativo ao do ego. o ego é capaz de investir libido em si mesmo.

O outro está desde o início na vida dos humanos e vai apresentar-se como objeto, modelo, auxiliar ou adversário. Freud em psicologia das massas e análise do ego

A constituição do eu dá-se a partir da manifestação do narcisismo dos pais. A partir de si mesmos, de seu próprio narcisismo, os pais investem no filho e atribuem a ele todas as perfeições, concedendo-lhes privilégios que eles mesmos tiveram que abandonar. O bebê é, então, o que Freud chamou 'His majesty the baby'. O eu que surge da confluência da imagem unificada que a criança faz de seu próprio corpo e dessa revivência do narcisismo paterno é o eu ideal, que corresponde ao narcisismo primário. Com o surgimento do eu, o ego toma si mesmo como objeto de amor. É o ego ideal. Sensação de completude e plenitude vivida a partir da relação mãe-bebê.

Esta fase, localizada entre o auto-erotismo e o amor de objeto e, contemporânea ao aparecimento de uma primeira unificação do sujeito, de um ego, aparece assim descrita nos textos de Freud do período 1910 - 1915.

O narcisismo primário designaria, de um modo geral, o primeiro narcisismo, o da criança que toma a si mesma como objeto e amor, antes de escolher objetos externos.

Narcisismo primário ou originário, a partir da formulação da segunda tópica, é formulado como um estágio primordial do ser humano e deixa de ser distinguido do auto-erotismo.

Para desenvolver-se e ser autônomos, as crianças necessitam de pais suficientemente bons. Que identifiquem e atendam adequadamente as necessidades dos filhos, o que implica que possam percebê-los como pessoas diferentes de si mesmos. Esse é um ponto importante na nossa discussão

no início da vida, pais e filhos ficam muito próximos em função da extrema dependência do filho. Disso decorre uma relação muito íntima. Por exemplo, o bebê não pode dizer o que está sentindo – só pode chorar e espernear quando está faminto ou incomodado. Na ânsia de acalmá-lo, os pais procuram decifrar os motivos `da reclamação` e então declaram: ele está com fome (grande chance de acerto), está xixi ou, xixi-cocô (outra enorme chance de acerto), está com frio, calor, cólica ou ...não gosta disso ou daquilo ou...quer que ligue a tv...

“A identificação é conhecida em psicanálise como a manifestação mais precoce de um laço afetivo a outra pessoa e desempenha um papel muito importante na pré-história do complexo de Édipo. O menino manifesta um especial interesse por seu pai, gostaria de ser como ele e substituí-lo em tudo e a identificação com ele, adquire, por isso, uma tonalidade hostil. A identificação é, em princípio, ambivalente, podendo ocorrer tanto uma exteriorização carinhosa como um desejo de supressão.

Os filhos querem imitar os pais, querem ser como eles. A identificação, nos diz Freud em psicologia das massas e análise do ego, “representa a forma mais precoce e primitiva de uma ligação afetiva”. (pg 2586)
Por identificação primária a criança se liga com o outro: “eu sou o outro”.

Ter ou não ter filhos, eis a questão

Os pais querem dar o melhor para os seus filhos. Querem que tenham o que eles não tiveram e que não precisem abrir mão de privilégios que eles perderam. Se por um lado isso funda a base sobre a qual vai ser construída a estrutura psíquica do filho, por outro, isso pode implicar algumas complicações.

As crianças seguem precisando brincar, muito embora os brinquedos tenham mudado bastante e muito embora também, os adultos muitas vezes imponham aos pequenos, um acúmulo de atividades que tem muito mais a ver com suas próprias agendas e necessidades do que com as necessidades dos filhos. Não é raro que as crianças tenham uma agenda superlotada com atividades que supostamente vão melhor prepara-la para enfrentar o mundo quando crescer. Mas é sabido que os filhos estão se demorando mais para sair da casa dos pais.